



Olhar de Professor

ISSN: 1518-5648

olhardeprofessor@uepg.br

Departamento de Métodos e Técnicas de
Ensino
Brasil

Amaral Silva e Biella, Andrea Alexandra do; Vernes Almeida, Nádia Conceição; Kubo Gonzalez,
Roseli

Consumo de brinquedos: um viés de gênero
Olhar de Professor, vol. 13, núm. 2, 2010, pp. 255-266
Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68420656004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Consumo de brinquedos: um viés de gênero

Consumption of toys: a gender deviation

Andrea Alexandra do Amaral Silva e Biella*
Nádia Conceição Vernes Almeida**
Roseli Kubo Gonzalez***

Resumo: O presente estudo, de natureza qualitativa, investigou os hábitos de consumo de brinquedos em crianças de quatro e cinco anos em uma escola municipal de educação infantil na zona sul de São Paulo. Utilizando como “pano de fundo” o tema consumo, apoia-se nas discussões de gênero de Linda Nicholson e Joan Scott e, ao tratar de questões de gênero no brincar infantil, em Gilles Brougère. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados questionários abertos e fechados, observação participante e entrevista semiestruturada, no referido estudo de caso. Dos dados coletados apreendeu-se que os pais dos alunos e alunas demonstram estereótipos de gênero na aquisição e uso de brinquedos; todavia, as crianças de quatro anos e de ambos os sexos, durante a observação, brincaram tanto com brinquedos considerados masculinos quanto femininos. O uso dos instrumentos mostrou-se eficiente, contudo aponta-se o tempo exíguo como fator limitante da pesquisa. Novas coletas seriam necessárias com os adultos responsáveis pelas crianças, principalmente com os do sexo masculino, assim como a obtenção de maior número de professores respondentes ao questionário aberto enviado.

Palavras-chave: Metodologia qualitativa. Instrumentos de pesquisa. Consumo de brinquedos. Relações de gênero.

Abstract: This qualitative study investigated the consumption habits of toys by children between the ages of 4 and 5 in a Municipal School of Early Education in the south zone of Sao Paulo. Consumption as the background to the study was supported by Linda Nicholson's and Joan Scott's gender discussions of gender whereas the issues related to gender and child play was based on studies by Gilles Brougère. The data collection instruments included open and closed questionnaires, participant observation and semi-structured interviews. The data analysis demonstrated that boys' and girls' parents have a stereotyped gender acquisition and use of toys; although the children of both sexes from the age of 4 during observation played with toys considered male and female toys. The use of the research instruments was considered efficient, but the time allocated for the research was considered a limiting factor. Additional data collection would be necessary with the adults responsible for the children, in particular with male participants, as well as with the participation of more teachers in answering the questionnaires.

* Mestranda em Educação pela USP. Educadora do Museu de Arte Contemporânea. E-mail: andrea.amaral@usp.br

** Graduada e Mestre em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas. E-mail: nadiavalmeida@gmail.com

*** Graduada em Pedagogia e Mestre em Educação pela USP. Doutoranda em Educação pela USP. Docente da Rede Municipal de Educação de Osasco. E-mail: rkg@usp.br

Keywords: Qualitative Methodology. Research Instruments. Toy Consumption. Gender Relations.

Introdução

Esta pesquisa, de cunho qualitativo e apresentando como “pano de fundo” o tema consumo, estudo procurou investigar o consumo de brinquedos sob um viés de gênero, tendo como *locus* da pesquisa uma escola municipal de educação infantil de São Paulo. Precedendo a discussão sobre hábitos de consumo, é importante elucidar a apreensão teórica do conceito de gênero utilizada neste trabalho.

Linda Nicholson considera que é possível interpretar gênero como uma forma de se contrapor ao determinismo biológico descrevendo o que é socialmente construído. Para a autora (2000, p.14), “[...] a população humana difere, dentro de si mesma, não só em termos das expectativas sociais sobre como pensamos, sentimos e agimos; há também diferenças nos modos como entendemos o corpo”.

Para Nicholson, o termo gênero precisa ser entendido como uma ideia plural, já que tanto homens quanto mulheres vivem em constante interação social e ambiental, que os ajuda a definir sua individualidade. Portanto, a identidade de gênero que carregamos não se constitui pelo simples fato de termos nascido do sexo feminino ou masculino, mas é estabelecida socialmente, não sendo fixa nem homogênea.

Nessa direção, para Joan Scott (1994, p. 13),

Gênero é a organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as dife-

renças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo [...] determina univocamente como a divisão social será estabelecida.

Scott (1995) discute que gênero é um conceito constituído como uma categoria analítica, uma vez que possibilita explicar uma determinada sociedade ao analisar a forma como a construção do que é ser masculino e feminino organiza a vida social. Por conseguinte, é possível apreender a forma como se originam as relações de poder encontradas na nossa sociedade.

Os estudos que procuram articular as relações de gênero e a educação infantil são bastante escassos no Brasil (FINCO, 2004; CRUZ; CARVALHO, 2006). Daniela Finco (2004) nos informa que a intersecção entre essas duas variáveis geralmente aborda estudos que relacionam a mulher ao magistério.

A autora destaca que em alguns estudos¹ há evidência de estereótipos de gênero ao se analisar as brincadeiras de meninos e meninas, sendo possível identificar padrões sexistas de comportamento nas crianças. Todavia, os estudos sobre a infância não contemplam as diferenças de gênero e a construção de preconceitos.

Em sua pesquisa empírica, Finco (2004) constatou que quando as crianças participavam de brincadeiras lúdicas, não se importavam de manusear brinquedos considerados femininos ou masculinos. A autora

¹ A autora cita os trabalhos de Bernardes, 1988; Guareschi, 1994; Saavedra; Barros, 1996; Cechin, 1997; Sampaio, 2000; Schimitz, 2002.

observou que as crianças não reproduziam nenhuma prática sexista presente no mundo adulto de nossa sociedade ocidental. Assim sendo,

[...] ao observar as relações entre crianças, pode-se considerar que os estereótipos dos papéis sexuais, os comportamentos pré-determinados, os preconceitos e discriminações são construções culturais, que existem nas relações dos adultos, mas não conseguem influenciar totalmente o mundo infantil. (FINCO, 2004, p. 64).

Segundo a autora, geralmente são os adultos que levantam expectativas quanto ao modo de ser e de se comportar das crianças, esperando que as meninas sejam de um jeito e que os meninos sejam de outro.

As considerações de Finco (2004) nos levam de volta ao objeto da presente pesquisa, qual seja, averiguar os hábitos de consumo de brinquedos por meninos e meninas de quatro e cinco anos. Partindo-se do pressuposto de que indivíduos nessa faixa etária dependem dos pais e/ou responsáveis para adquirir os brinquedos, procurar-se-á verificar o quanto a opinião/interferência dos adultos influencia as crianças na escolha desses brinquedos.

Cumprе destacar que a indústria de brinquedos também desempenha um papel importante no reforço de estereótipos do que é ser menino e menina em nossa sociedade: as embalagens, a cor dos produtos e as propagandas não deixam dúvida quanto ao sexo da criança a quem o brinquedo se destina. Sobre o assunto, Gilles Brougère (2004, p. 292) considera que

[...] as empresas que pareciam propor brinquedos mistos destinados tanto às meninas quanto aos meninos, como o Lego e o Playmobil, conceberam, numa perspectiva de aumento das vendas, as linhas

de produto explicitamente destinadas às meninas pelos temas (famílias, férias, atividades femininas), pelas embalagens, cores e publicidade. E assim, remetem as antigas linhas a um público masculino. Mas elas se defendem ao dizer que procederam assim porque as linhas consideradas mistas eram compradas majoritariamente pelos meninos (na ordem de 80%) e que para continuar no segmento de mercado das meninas, precisavam de produtos específicos.

Isso posto, esta pesquisa tem por objetivo geral averiguar as relações de gênero nos hábitos de consumo de brinquedos em crianças de quatro e cinco anos de uma pré-escola da rede municipal de São Paulo, para verificar se os pais aceitam que os meninos escolham brinquedos de conotação feminina para comprar, e que as meninas escolham brinquedos considerados masculinos.

Como objetivos específicos, serão observados: 1) o comportamento dos pais de meninos e meninas na hora da compra, em relação ao tipo de brinquedo: aqueles considerados femininos ou masculinos; 2) a reação dos pais de meninos, na hora da compra, face à cor rosa.

Metodologia

Este estudo insere-se no campo das investigações qualitativas, pois entre outros aspectos caracteriza-se por ter o pesquisador como seu principal instrumento² e coletar dados predominantemente descritivos (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; BOGDAN; BIKLEN, 1994). Considera-se ser um trabalho norteado por uma filosofia de pesquisa

² A pesquisa qualitativa também pode contar com os próprios sujeitos da pesquisa como pesquisadores, no caso da pesquisa participante (LE BOTERF, 1985).

materialista histórica, com aspectos feministas em menor teor.

Com vistas a cumprir o objetivo desta pesquisa, foram necessárias como ações preliminares da investigação empírica:

- elaboração de questionários e roteiro de entrevista;
- seleção da escola que compôs a amostra do estudo;
- autorização da direção da escola para a realização e apresentação da pesquisa.

Segundo Otávio Cruz Neto (1994, p. 55):

Os grupos devem ser esclarecidos sobre aquilo que pretendemos investigar e as possíveis repercussões favoráveis advindas do processo investigativo.

Nesse primeiro contato, Heloisa Szymanski (2002) sugere que, além dos objetivos e finalidade da pesquisa, seja também explicitado o compromisso ético do pesquisador: manter o anonimato dos entrevistados e possibilitar a eles o acesso à transcrição da entrevista, permitindo-lhes, caso queiram, retirar ou modificar alguma resposta e, também, apresentar uma devolutiva da investigação.

Para a imersão em campo, foram efetuados os seguintes procedimentos:

- observação participante de uma aula e registro em diário de campo;
- envio de 86 questionários fechados para pais de alunos, e de 16 questionários com questões fechadas e abertas para professores;
- realização de duas entrevistas semiestruturadas com pais de alunos.

Valdete Boni e Silvia Jurema Quaresma (2005) informam que uma das formas de coleta de dados é por meio da observação participante, a qual se diferencia da observação informal:

[...] na medida em que pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 71).

As autoras comentam que com a aplicação de questionários é possível atingir um grande número de pessoas ao mesmo tempo, gerando, dessa forma, um elevado número de dados. Ainda, é possível que o respondente preencha o questionário sem a presença do pesquisador. Todavia, essa técnica apresenta como desvantagens:

[...] a percentagem de retorno dos questionários enviados pelo correio geralmente é pequena e quando a devolução é tardia prejudica o andamento da pesquisa. Muitas vezes há um número grande de perguntas sem respostas. Outra desvantagem é a dificuldade de compreensão da pergunta por parte do respondente quando o pesquisador está ausente. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 74).

Com vistas a complementar as informações obtidas na observação e nos questionários foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas. De acordo com Haguete (1997), citado por Boni e Quaresma (2005), a entrevista é um processo de interação social no qual o entrevistador procura obter informações do entrevistado mediante questionário devidamente estruturado. Ou seja, a entrevista estruturada “é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas.” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 73).

Apoiada em Robert Yin (1988), Marli André (1995, p. 51) nos informa que o estudo de caso deve ser adotado:

[...] quando as perguntas da pesquisa forem do tipo ‘como’ e ‘por quê’; (2) quando o pesquisador tiver pouco controle sobre aquilo que acontece ou que pode acontecer; e (3) quando o foco de interesse for um fenômeno contemporâneo que esteja ocorrendo numa situação de vida real.

Portanto, justifica-se a escolha da metodologia que norteou a presente pesquisa, pois “[...] os estudos de caso podem fornecer informações valiosas para medidas de natureza prática e para decisões políticas” (ANDRÉ, 1995, p. 54).

Os resultados foram trabalhados utilizando-se análise de conteúdo, num trabalho de registrar as categorias e subcategorias das “falas” dos sujeitos, com possíveis interpretações e cruzamentos entre as mesmas, bem como com as inserções das observações registradas pelo próprio pesquisador acerca da realidade que se apresenta (BARDIN, 1977).

Foi realizada, também, tabulação das questões fechadas dos questionários e dados quantitativos complementaram os dados qualitativos advindos das questões abertas tanto de questionários quanto das entrevistas, assim como do diário de campo.

Resultados e discussão

A escola escolhida como *locus* localiza-se na zona sul do município de São Paulo e pertence à Diretoria Regional de Educação Ipiranga. Possui cinco salas de aula, sendo uma de primeiro estágio (crianças com três a quatro anos), duas de segundo estágio (crianças com quatro a cinco anos) e duas de terceiro estágio (crianças com cinco a seis

anos), totalizando 158 alunos matriculados, para uma oferta de 165 vagas. Como a escola oferece período integral (8 às 16 h), cada sala possui dois professores, um a cada meio período.

A Unidade Escolar (UE) é toda cerca-da de área verde, com vários parques, casinha, quadra coberta, tanque de areia cercado e coberto para evitar ingresso de animais, horta e muitas árvores, tanto antigas quanto novas, plantadas pelas crianças em projeto realizado no mês de setembro do corrente ano. Todas as salas possuem brinquedos e, com exceção da sala do 1º estágio, um cabideiro (arara) com fantasias.

No período da coleta de dados, a escola contava com uma diretora, uma assistente de direção, uma coordenadora pedagógica, cozinheiras, secretária, 16 professores (dois são do sexo masculino), professores readaptados em atividades não pedagógicas (administrativas, manutenção) e equipe de limpeza terceirizada.

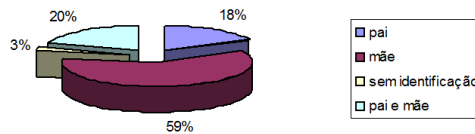
A escola é muito organizada e bonita: florida, grama bem aparada, folhas coletadas todas as manhãs, podendo-se inferir que há grande cuidado da administração com o bom aproveitamento da área verde, que, embora saudável às crianças, prescinde de cuidados em relação à proliferação de insetos (aranhas, pernilongos, lagartas).

Foram distribuídos 86 questionários para os pais de alunos, no entanto 40 foram devolvidos, o que representa 46,5% de retorno. Consideramos alto esse índice de devolutiva devido ao prazo de dois dias dado para os pais responderem às questões propostas, em caso de aceite. Também foram encaminhados 16 questionários abertos para as professoras da UE, todavia três retornaram, o que corresponde a 18,75%. A justificativa para esse baixo envolvimento foi a proximidade ao encerramento do ano

letivo e a sobrecarga de trabalho dos professores no período.

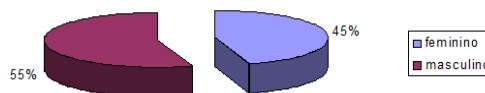
O gráfico 1 demonstra que a grande maioria dos respondentes foi a mãe (24), seguida pelo pai (7), pai e mãe (8) e um sem identificação. Ressalte-se que no questionário não havia um campo “pai e mãe”; portanto, essa resposta foi espontânea.

Gráfico 1 - Vínculo do respondente com o/a aluno/a



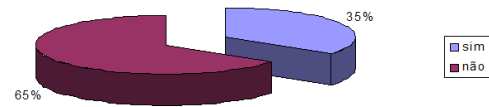
De acordo com o gráfico 2 é possível verificar que a maior parte dos respondentes era responsável por meninos. Todavia, não foi possível conseguir uma participação masculina durante a realização das entrevistas.

Gráfico 2 - Sexo das crianças



Ao serem questionados sobre a compra de brinquedos considerados femininos para seus filhos, 26 (65%) responsáveis assinalaram que não adquiririam uma boneca para os meninos (Gráfico 3); no entanto, 23 (59%) dos respondentes assumiram que comprariam brinquedos para que o seu filho brincasse de casinha (Gráfico 5).

Gráfico 3 - Você compraria uma boneca para um menino?



Sobre sua reação ao fato de o filho pedir um brinquedo de cor rosa ou uma boneca, uma mãe declarou:

Normal. Ele (o filho) já brincou com boneca, como ele só tem irmãs [...] e ele gosta de brincar com Barbie porque ele tem o Max Steel dele e então aí brinca, um é namorado do outro, aquela coisa. E eles brincam de mamãe e filhinha, aí eu falo não filhinha, filhinho... Eles brincam normal, a gente não pode proibir certas coisas, né, porque eles são crianças pequenas, vai brincar do que? [...]

Gráfico 4 - Você compraria brinquedos para um menino brincar de casinha?



A aceitação em relação à compra de brinquedos que representam o ambiente doméstico também pôde ser percebida na entrevista, quando uma das mães relatou:

[...] eu já até comprei coisas assim para ele, quando ele era menor, coisinhas de casa mesmo, e a minha amiga também, coisinhas de liquidificador, ferrinho de passar, tábua, então, acho que eles veem a mãe fazendo e eles querem estar fazendo também. Eu já dei rodinho e vassourinha

que ele queria me ajudar, então eu acho que não tem nada a ver, né [...]

Sobre o assunto, obtivemos as seguintes respostas descritas no seguinte Quadro 1:

Quadro 1 - Compra de brinquedos considerados *a priori* “de gênero”

Vínculo do respondente	Total de respondentes	Compraria boneca para menino	Compraria brinquedo de casinha para menino	Compraria carrinho de menino para menina
Pai e mãe	8	3 Sim 5 Não	5 Sim 3 Não	6 Sim 2 Não
Pai	7	3 Sim 4 Não	6 Sim 0 Não 1 não respondeu	5 Sim 2 Não
Mãe	24	8 Sim 16 Não	11 Sim 13 Não	11 Sim 12 Não 1 não respondeu
Não identificado	1	Sim	Sim	Sim

Para melhor refinamento desta questão, precisaríamos cruzar os dados “sexo do respondente” com “sexo da criança”, o que não foi possível realizar nesse momento, ficando como sugestão para pesquisas futuras.

De acordo com Brougère (2006), o brinquedo representa uma realidade selecionada. Os brinquedos femininos privilegiam, geralmente, o espaço familiar; e os dos meninos, o mundo do trabalho.

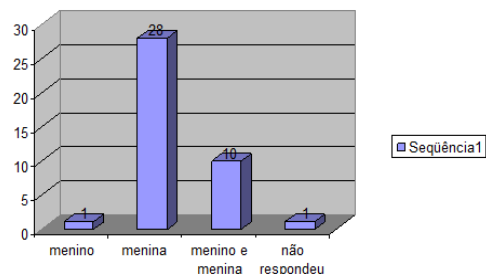
Para o autor, “antes mesmo da manipulação lúdica, descobrimos objetos culturais e sociais portadores de significações” (BROUGÈRE, 2006, p. 43). Isto posto, talvez seja possível inferir a razão pela qual muitos pais consideraram bonecas como brinquedos femininos (28 dos respondentes), uma vez que as bonecas representariam uma preparação das meninas para a maternidade no futuro. Todavia, os meninos não serão também pais um dia?

Nos tempos atuais, em que os homens não são mais os únicos a garantir a renda

familiar e, inclusive, já dividem as tarefas domésticas com suas companheiras, por que ainda há estranhamento quando um menino quer brincar de boneca?

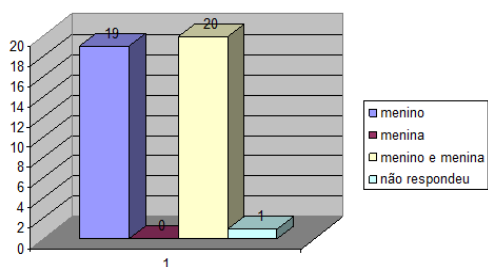
O Gráfico 5 demonstra que dos 40 questionários devolvidos, dez indicavam que bonecas podem ser brinquedos de meninos e meninas. Talvez fosse importante verificar o nível de escolaridade desses respondentes para averiguar se o grau de instrução e faixa salarial são fatores determinantes para o tipo de resposta.

Gráfico 5 - Opiniões dos pais sobre boneca



Ao responderem sobre a pertinência de brinquedos que representam super-heróis (Gráfico 6), 20 pais (50%) consideram que esse brinquedo seja apropriado para ambos os sexos, enquanto 19 (47,5%) dos questionários indicavam que seria um brinquedo exclusivamente masculino e uma (2,5%) pessoa não respondeu a essa pergunta.

Gráfico 6 - Opiniões dos pais sobre bonecos de super-heróis



A última pergunta do questionário referia-se a quem realiza as tarefas domésticas. As respostas a seguir demonstram que em muitas famílias os afazeres da casa são de responsabilidade das mulheres:

Sou eu, porque é a esposa que sempre faz essas coisas.

Minha mãe, porque ela é a dona da casa.

Eu, minha mãe e às vezes meus filhos mais velhos.

Eu, mãe.

Eu, minha mãe, e minha filha.

Minha companheira, porque ela se dedica ao trabalho doméstico.

Brougère (2004, p. 290) nos lembra que, no cuidar da casa “[...] a mãe contribui mais do que o pai, as crianças mais do que o pai e as meninas mais do que os meninos”. Essa questão da responsabilidade feminina nos cuidados da casa também apareceu em alguns questionários, conforme demonstram os excertos apresentados. Porém, algumas

participantes evidenciam, em seus relatos, a contribuição masculina nas chamadas “tarefas domésticas”.

Respondente 1: Assim como nas tarefas domésticas, eu e meu esposo dividimos também quem cozinha, quem lava louças etc., pois os dois trabalhamos fora desde o início do casamento. Dividimos tudo. Assim já estamos casados há dez anos, e podemos aproveitar melhor o tempo com nossa filha.

Respondente 2: Os dois cozinham. A louça, a maioria das vezes, é meu marido. Porque nós dois trabalhamos e então quem está com mais tempo ou mais descansado faz as tarefas. Somos uma família. Temos que nos ajudar.

Respondente 3: Eu e meu marido. As tarefas são divididas porque nós trabalhamos e temos pouco tempo para preparar as refeições, então ele ajuda. E quando não somos nós, tem uma assistente que o faz.

A diretora da UE indicou-nos uma sala de aula de primeiro estágio para que fosse feita a observação participante. No dia sugerido pela gestora havia 18 crianças presentes (nove meninas e nove meninos), dos 21 alunos matriculados.

A sala possui banheiro, quatro mesas infantis com cinco cadeiras cada, uma mesa para a professora, lousa e espaço para guardar os brinquedos, disposto em uma das paredes da sala. É a única sala que não possui saída para a área verde. Há diversos bichos de pelúcia (personagens como Nemo, animais), bonecas, dispostos em uma prateleira ou em caixas plásticas, além de minicozinha de madeira e numeroso jogo de ferramentas.

O Quadro 2, referente às informações obtidas por meio de diário de campo, indica a forma como as crianças se organizaram para brincar na sala de aula. Note-se

que algumas meninas escolheram carrinhos, enquanto, em um primeiro momento, todos

os meninos escolheram brinquedos considerados masculinos.

Quadro 2 - Organização inicial das crianças na hora da brincadeira livre

Meninas	Meninos
<ul style="list-style-type: none"> - uma escolheu uma boneca (bebê) de roupas rosa; - uma pegou uma boneca; - outra um urso; - uma pegou um leão; - outra pegou dois coelhos; - uma dirigiu-se à minicozinha de madeira (havia uma tábua de passar roupas ao lado); - outra menina pegou um carro azul; - outra pegou um gato e um cachorro e ficou brincando de eles beijarem-se na boca; - uma pegou um carro vermelho. 	<ul style="list-style-type: none"> - quatro meninos espalharam sobre uma das mesas um jogo de ferramentas com muitas peças; - um outro pegou um carro amarelo; - outro pegou um helicóptero e um gato; - outro ficou brincando com a placa metálica com letras e números imantados, na qual a professora registra o número de meninos e meninas presentes. - um pegou uma retro-escavadeira; - outro pegou um carro e um elefante.

Fonte: Diário de campo da pesquisadora

Duas meninas sentaram-se próximas à mesa da professora, numa das cadeiras que ela havia disponibilizado para a pesquisadora, que preferiu ficar se deslocando entre as crianças, e brincaram de dirigir (de modo imaginário). Ao ver a aproximação da pesquisadora, uma das crianças disse: “*A gente tá brincando de carro, sentadas, dirigindo*”. Simulavam mexer no volante, faziam sons de motor e de freada. Uma saiu correndo e a outra disse: “*Filha, volta aqui. Chegamos, filha!*” A outra só respondeu “*tchau!*” e pegou um carrinho de feira. A “motorista” foi atrás da “filha”, depois voltou e continuou dirigindo sozinha, sentada na mesma cadeira.

Um menino juntou-se às meninas que brincavam na cozinha. Após brincar com as ferramentas, os quatro meninos guardaram-nas e pegaram um jogo de panelas e louça de plástico, a maioria de cor rosa. Espalharam tudo sobre a mesa. Uma menina juntou-se a eles. Com essa curta observação, foi possível inferir que crianças nessa faixa etária ainda não apresentam estereótipos de

gênero, não se incomodando, portanto, de manusear brinquedos considerados do sexo oposto.

O baixo retorno dos questionários abertos entregues aos professores (18,75%) se deve ao período de fechamento do ano letivo. Como escola pública, e dada a faixa etária das crianças, as aulas iriam até o dia 16 de dezembro e no dia seguinte ocorreria a reunião de pais e mestres, onde todas as atividades das crianças são entregues aos pais, cuidadosamente organizadas em pastas e cadernos individuais, juntamente com relatórios de desenvolvimento semestral e anual.

As respondentes foram três professoras com idade superior a 46 anos (uma delas tem idade acima de 56 anos). Pelo teor das respostas, dado o fato de dois questionários terem sido preenchidos de modo breve, constatamos que teria sido mais produtiva a realização de entrevista com o corpo docente. Uma boa opção seria entrevista com grupo focal.

As professoras declararam que não interferem no brincar das crianças, em relação a questões de gênero. A docente que respondeu ao questionário com mais detalhes relatou:

Tenho várias caixas de brinquedos, e coloco à disposição dos alunos: caixas com brinquedos de encaixe, super-heróis, panelinhas, etc. Nas mesas sentam-se meninos com meninas, e eles brincam juntos.

Sobre as reações dessas profissionais diante de situações em que as crianças naturalmente assumem personagens de outro sexo, a mesma professora comentou:

Na hora da fantasia, vale tudo porque é neste espaço que a criança (seja menino ou menina) expressa seus sentimentos, copia os adultos que a rodeiam, imita seus colegas, extravasa seu lado artístico.

Indagadas sobre a sua reação ao observar meninos brincando com brinquedos cor-de-rosa ou bonecas, as professoras responderam:

Professora 1: Reajo de forma natural, não me choco quando um menino brinca com bonecas.

Professora 2: É indiferente.

Professora 3: Não interfiro.

Uma outra pergunta feita às professoras foi se percebem as crianças trazendo, do convívio familiar, estereótipos em relação aos comportamentos “de menino” e “de menina”. A professora 3 não respondeu a essa indagação; já as respostas das professoras 1 e 2 foram as seguintes:

Professora 1: Alguns meninos gostam de brincar de “casinha” e exercem o papel do provedor ou “pai”, e algumas meninas

gostam de mostrar aquilo que elas vivem em casa, ou seja, arrumando, organizando a casa. Tenho alunas que imitam suas mães (não têm pais presentes) e exercem o papel de provedoras.

Professora 2: Sim, os meninos trazem bonecos, carrinhos; e as meninas, bonecas.

Quanto à declaração das professoras, de não interferência nos padrões de comportamento trazidos pelas crianças da experiência familiar, podemos a princípio nos perguntar: sendo padrões estereotipados, que muitas vezes não correspondem aos próprios papéis sociais da família, as professoras deveriam interferir com perspicácia, levando as crianças a questionarem tal comportamento? Indiretamente, estariam contribuindo para a manutenção dos estereótipos familiares, não questionando tais opções? Ou devem deixar o brincar realmente livre, como registrado na observação participante?

Brougère (2004) aponta que o real sentido das brincadeiras é a liberdade das crianças. Quando conduzidas por adultos, com expectativas de resultados, mesmo em jogos chamados de pedagógicos, cujo objetivo é ensinar algum conteúdo, as brincadeiras não representam um momento lúdico, ou seja, não são brincadeiras, são atividades pedagógicas. Deste modo, a não interferência das professoras no brincar é o mais apropriado. Porém, a observação atenta do que ocorre espontaneamente com as crianças nesse momento pode propiciar às docentes a seleção de questões e temas para posterior trabalho com o grupo.

De qualquer modo, para melhor averiguação desse dado, o instrumento utilizado (questionário aberto) foi insuficiente para a referida amostra. Reiteramos que a entrevista por grupo focal seria mais apropriada para o levantamento de informações relevantes junto aos professores e, possivelmente, à coordenação da escola.

Considerações Finais

Da coleta de dados apreendeu-se que alguns pais dos alunos e alunas pesquisados demonstram estereótipos de gênero na aquisição e uso de brinquedos. Todavia, as crianças de ambos os sexos, durante a observação, brincaram tanto com brinquedos considerados masculinos quanto com brinquedos vistos como femininos.

Ao término da coleta de dados e durante a análise dos resultados constatou-se:

- a necessidade de testes (entrevista e questionário aberto; foi realizado apenas em relação ao questionário fechado), com vistas à readequação das questões diante dos objetivos (clareza, pertinência, novas idéias, flexibilidade), e de novos instrumentos (como entrevista por grupo focal com os professores);
- a importância de um bom cronograma e de disciplina para segui-lo (com flexibilidade, porém com rigor);
- a importância de familiaridade com os equipamentos (nesta pesquisa, o gravador de áudio, que demanda muito tempo quanto à transcrição);
- a necessidade de entrevistar também pais ou responsáveis do sexo masculino, dado que no contexto da coleta apenas mães estavam presentes.

Ainda, o fator tempo foi identificado como limitante do presente estudo, no sentido de que se sentiu a necessidade de que houvesse um período maior de tempo para que pais e professoras pudessem devolver os questionários e, também, para efetuar uma análise mais apurada dos dados.

Durante o desenvolvimento da pesquisa empírica, deparou-se com alguns per-

calços. Primeiramente a pesquisa foi concebida para ser realizada em uma escola de educação infantil pública e uma privada, mas a escola privada declinou da participação devido à proximidade do término do ano letivo.

Em relação à escola pública, a diretora da UE apenas autorizou a pesquisa pelo fato de uma das integrantes do grupo ser mãe de aluno que frequenta a escola. A gestora informou que em estudo realizado quando ela era professora em outra instituição, a pesquisadora responsável apresentou um relato que criticava o trabalho da equipe pedagógica, que não teve voz para discutir as observações. Essa questão nos leva às considerações feitas por Szymanski (2002) a respeito da ética na pesquisa e da necessidade e importância de as instituições de ensino superior disporem de um Comitê de Ética em Pesquisa com informações claras sobre a realização de qualquer estudo científico.

Dado o pouco tempo de desenvolvimento desta pesquisa, apenas o relatório da observação participante foi entregue à professora cuja aula uma das pesquisadoras acompanhou. A professora deu um retorno às pesquisadoras, antes do prosseguimento da análise de dados, concordando com o conteúdo do relato que lhe fora apresentado.

Como devolutiva à instituição, no início do ano letivo de 2011 entregou-se à Diretora, na íntegra, uma cópia das conclusões da pesquisa, para seu conhecimento e, se houvesse interesse, para ser tema de reunião pedagógica. Cumpriu-se, assim, o que se havia prometido à Diretora quando foi solicitada sua autorização para a realização deste estudo na escola por ela dirigida.

Referências

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Etnografia na prática escolar**. Campinas - SP: Papyrus, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, 1977.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **Brinquedo e cultura**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CRUZ, Tânia Mara; CARVALHO, Marília Pinto de. Jogos de gênero: o recreio em uma escola de ensino fundamental. **Cadernos Pagu**, (26), janeiro – junho de 2006, p. 113-143.
- CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p.51-66.
- FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher**: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola, 2004. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- LE BOTERF, Guy. **Pesquisa participante**: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- LÜDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; CRUZ NETO, Otávio; DESLANES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, v.8, n.2, p. 9-41, 2000.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Editora Plano, 2002.

Enviado em: 06/04/2011

Aceito em: 24/07/2011